



DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2025v27id5494>

## PRÁTICAS DE ENSINO, LINGUAGENS E METODOLOGIAS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR

Pedagogical Practices, Languages, and Methodologies in Geography Education: an Interdisciplinary Approach

Prácticas docentes, lenguajes y metodologías en la educación geográfica: una perspectiva interdisciplinaria

Michele Fernandes Gonçalves<sup>1</sup>, Agatha da Rosa dos Santos<sup>2</sup>, Amábili Fraga<sup>3</sup>

A Educação Geográfica é entendida como parte da dimensão pedagógica da Geografia Escolar, visando concebê-la por meio da leitura de mundo, dos conceitos da ciência geográfica que permitem a compreensão e o raciocínio espaciais. Cavalcanti (2012) postula que os conhecimentos escolares relacionados ao espaço geográfico, cruciais para a formação dos estudantes, são aqueles desenvolvidos pela cultura da Geografia e elaborados cientificamente ao longo da história. Atualmente, entretanto, reconhece-se nessa área de estudo a necessidade de que a abordagem dos conteúdos escolares ocorra de maneira crítica, questionadora e criativa, promovendo a interação com outros campos do conhecimento de modo que, a partir deles, os sujeitos possam transformar, de forma ativa, o mundo em que vivem.

Nesse sentido, Callai (2013) defende como Educação Geográfica o desenvolvimento, no processo de ensino-aprendizagem, de um pensamento que visa ir além da transmissão de conteúdos, enfocando uma abordagem que compreenda e analise a realidade vivida. A relevância desse tipo de educação se coloca na medida em que “lida mais com os processos de produção dos conceitos e das ferramentas de análise, do que apenas com as descrições dos fenômenos geográficos” (Dal Pont, 2018, p. 30), priorizando a compreensão desses conceitos e ferramentas em detrimento da aprendizagem mecanizada. É essa compreensão, cuja ampliação se torna fundamental

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) | Sorocaba | SP | Brasil. E-mail: [carpe\\_mizinha@hotmail.com](mailto:carpe_mizinha@hotmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6146-8764>

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: [agatharosasantos@gmail.com](mailto:agatharosasantos@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2539-6550>

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: [amabilifragaa@gmail.com](mailto:amabilifragaa@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-1490-5016>



para se pensar o ensino na atualidade, que faz com que a Educação Geográfica venha se transformando, nas últimas décadas, de uma perspectiva baseada em uma ciência que, até os anos oitenta, se apresentava como descriptiva e descontextualizada – a Ciência Geográfica – para uma perspectiva que acompanha as mudanças dessa mesma ciência e que, de fato, seja capaz de emancipar os cidadãos.

Castellar (2005) aponta que essa mudança tem o intuito de retirar certo estigma de uma disciplina apenas decorativa, vinda da Geografia tradicional. Destaca-se aí a contribuição do grande geógrafo Milton Santos, que afirmou: “Esta disciplina sempre pretendeu construir-se como uma descrição da Terra, de seus habitantes e das relações entre si e das obras resultantes, o que inclui toda ação humana sobre o planeta” (2006, p. 9). O combate às heranças da Geografia tradicional na Educação Geográfica também se tornou claro, nas últimas décadas, no âmbito dos documentos normativos, como definiu Kaercher (1997, p. 136-137): “Combater a visão de currículo que privilegia a informação e a quantificação ou a fragmentação do saber [...]. Aliar a informação com a reflexão. Buscar mais de uma versão para o fato. Mostrar os conflitos de interesse, as mensagens nas entrelinhas dos textos”.

Contudo, embora tais transformações sejam fundamentais para uma nova compreensão acerca da Geografia, é importante não perder de vista que ela também está inserida em nossas experiências cotidianas, o que revela a necessidade sempre pungente da contextualização e análise locais dos problemas apresentados aos estudantes, bem como da abertura dos professores e das temáticas abordadas a seus conhecimentos prévios, de maneira a alinhar as práticas pedagógicas a uma ideia ampla de futuro que seja capaz de promover o engajamento social e construir sujeitos críticos.

Dada a pretensão tradicionalista histórica na raiz da disciplina da Geografia, bem como as mudanças das últimas décadas na Ciência Geográfica e, consequentemente, nas perspectivas da Educação Geográfica nas universidades, escolas e no âmbito das produções científicas, faz-se necessária a possibilidade de narrar e dar a ver as práticas, linguagens e metodologias que atualmente se alastram pelos espaços educativos no Brasil e no mundo. Tendo em vista a amplitude dessa discussão, o dossiê “Práticas de Ensino, Linguagens e Metodologias na Educação Geográfica” tem como proposta direcionar o olhar para diferentes leituras ou pensamentos geográficos que ensejam formas de abordagem e perspectivas diversas para a Educação, contribuindo com os processos de aprendizagem dos/as estudantes na Educação Básica e na Formação Inicial e Continuada de professores/as e pesquisadores/as.

O objetivo é socializar pesquisas concluídas ou em andamento que possuam como questão central as múltiplas linguagens na Educação Geográfica, enfocando temas como o diálogo acerca das diferentes práticas pedagógicas e recursos tecnológicos efetivados no trabalho docente na Educação Básica; as discussões relacionadas à relação entre teoria e prática na produção de conhecimentos e à mobilização de saberes na interação entre a universidade e as unidades escolares; o



uso de imagens, do cinema e de outras cartografias na Educação Geográfica; e as discussões que visam ampliar e aprofundar as redes de pesquisas nas universidades, na Educação Básica e entre pesquisadores/as, professores/as e estudantes.

Os trabalhos que compõem o dossiê demonstram a diversidade de pesquisas atualmente em voga nesse campo. Abrindo os trabalhos está o artigo intitulado “Posso me desenhar no mapa?”, de Vitória Ângela Paim e Denise Theves, que apresenta uma proposta desenvolvida no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que teve como foco o protagonismo infantil na construção de conhecimentos geográficos. Realizado com um grupo de crianças dos anos iniciais de uma Escola de Ensino Fundamental de Canoas, Rio Grande do Sul, o trabalho relata como, por meio da visita a uma horta comunitária do bairro, as crianças foram convidadas a elaborar coletivamente um mapa vivencial daquele espaço. Os resultados reafirmam que a espacialidade infantil extrapola os limites da sala de aula, evidenciando um amplo repertório de relações, práticas e percepções inacabadas e revelando modos singulares de experimentar o espaço e criar múltiplas espacialidades.

Na sequência, o artigo de Patrícia Assis da Silva Ribeiro e Valéria de Oliveira Roque Ascenção, com o título “Concepções do conteúdo e suas abordagens no ensino de Geografia”, aborda, a partir de procedimentos metodológico de pesquisa qualitativa, a investigação de como professores de Geografia dos anos finais do Ensino Fundamental atuantes em escolas públicas do estado de Minais Gerais têm se apropriado (ou não) de novas concepções de conteúdos e metodologias propostas pelo Currículo de Referência do Estados. Considerando entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores e registros de aula feito por estudantes em Estágio Supervisionado, o estudo evidencia certo afastamento entre as diretrizes curriculares e as práticas docentes, além de ausências relativas à formação efetiva dos profissionais para o acompanhamento do novo currículo.

Por sua vez, o artigo “Imagens digitais e ensino de geografia: reflexões sobre o novo corpus de imagens geográficas e o conhecimento construído para o seu ensino”, de María Rita Maldonado e Verónica Carolina Hollman, apresenta o uso de imagens como potência na Educação Geográfica, investigando como a proliferação de imagens digitais em ambientes educacionais tem afetado o *corpus* de imagens consideradas relevantes para o ensino de Geografia. A pesquisa usa como base entrevistas e materiais didáticos fornecidos pelos professores de duas escolas de formação de professores de Geografia da cidade de Córdoba (Argentina), o Instituto de Educação Superior Simón Bolívar e o Instituto Superior Professor Antonio Sobral. Além de apresentar uma análise do caráter visual da Ciência Geográfica, o estudo traz observações das práticas docentes construídas a partir do uso das imagens digitais, apresentando algumas reflexões sobre o suporte necessário para a inclusão dessas imagens na educação.

Já o artigo “Atlas tátil do estado de Sergipe: metodologia, funcionalidade e acessibilidade para o ensino de geografia”, de Leia de Andrade, aborda a



funcionalidade e a acessibilidade do Atlas Tátil do Estado do Sergipe. Baseando-se nos elementos da Cartografia Tátil com a intenção de investigar o uso de materiais cartográficos e seus benefícios para alunos e professores de Geografia em sala de aula, o trabalho discute como as representações contidas nesse Atlas podem ser aplicadas no ensino de Geografia no sentido de promover uma aprendizagem multissensorial e inclusiva para os estudantes da Educação Básica.

Por fim, o artigo “Geografias no ‘avesso’: imaginação geográfica e exercícios de atenção com a literatura na preparação para a docência”, de Raphaela de Toledo Desiderio e Karina Rousseng Dal Pont, ao se perguntar pela potência das imaginações geográficas diante da produção de outros modos de pensar-com o espaço, apresenta os desdobramentos de pesquisas realizadas no âmbito da Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”, articulando relações entre imagens, educação geográfica e preparação para a docência. Trabalhando principalmente com a perspectiva de imaginação geográfica de Doreen Massey, as autoras sugerem “exercícios de atenção” com a literatura brasileira a partir da obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, como meio de produzir desvios nas concepções hegemônicas de espaço e promover atravessamentos com questões interseccionais, acionando noções capazes de desestabilizar processos formativos estanques.

Esperamos que a leitura desses materiais contribua para a ampliação das possibilidades de pensar da Educação Geográfica dentro e fora da sala de aula.

Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

- CALLAI, H. C. **A formação do profissional de geografia: o professor.** Ijuí: Unijuí, 2013.
- CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/SDh77ByNZ8v8bSD9DbbjyfF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- CAVALCANTI, L. de S. **O ensino de geografia na escola.** Campinas: Papirus, 2012.
- DAL PONT, K. R. **A (im)possibilidade do mapa.** 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de geografia.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

As organizadoras  
agosto 2025